

**Os discursos nas denúncias de violência: Brasil e Uruguai  
(1964-1985)**

***The speeches in the denunciations of violence: Brazil and Uruguay  
(1964-1985)***

Mirian Alves do Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste estudo analisarei as notícias que denunciaram as violências diversas aplicadas contra mulheres militantes de oposição nas ditaduras do Brasil e do Uruguai, entre 1964 e 1985, dos jornais clandestinos A Classe Operária e o Compañero. Com os objetivos de tipificar as violências e observar se os redatores se utilizaram das construções de gênero no intuito de sensibilizar os leitores para a luta contra esses governos. Para isso utilizo os Estudos de Gênero, a História Comparada e a História Oral. Foram encontradas construções de gênero em algumas notícias.

**Palavras-chave:** Mulheres; Gênero; Violência; Jornais; Ditaduras

**Abstract:** This study will analyze the news that denounced the violence applied against several women militant opposition in dictatorships in Brazil and Uruguay, between 1964 and 1985, from the underground newspapers A Classe Operária and Compañero. Aiming to typify violence and making observations if the writers made use of gender constructions in order to encourage readers to fight against these governments. To use such analyzes Gender Studies, the Comparative History and Oral History. Gender constructions were found in some news.

**Keywords:** Women; Gender; Violence; Newspapers; Dictatorships

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Laboratório de Estudos de Gênero e História. E-mail: mirocal1@hotmail.com. Este trabalho faz parte da pesquisa para a elaboração da minha dissertação.

As mulheres que viviam no Cone Sul, na segunda metade do século passado, passaram a participar, em número significativo, se comparado a períodos anteriores, da militância de partidos que se opunham aos governos de orientação política conservadora ou de direita, sobretudo os da “nova esquerda”.<sup>2</sup> Às mudanças de costumes e práticas - resultantes da Revolução Sexual, da Segunda Onda do Movimento Feminista,<sup>3</sup> dos movimentos de Contracultura, entre outros - como uma maior acessibilidade ao ensino e ao mercado de trabalho, por exemplo, credita-se essa participação expressiva das mulheres. Marcelo Ridenti, com base em suas pesquisas no Brasil, afirma que “na maioria das organizações que se engajaram na luta armada, o percentual de mulheres denunciadas ficou entre 15 e 20%”. Mulheres das mais variadas ocupações: donas de casa, estudantes, professoras, profissionais liberais e operárias se sentiram atraídas pelo ideário revolucionário que defendia um mundo mais justo e igualitário, e viveram, em sua maioria, o cotidiano das organizações de esquerda no que tange às ações armadas, ao seu planejamento, ao proselitismo político nas fábricas e nas ruas, entre outras práticas, bem como sofreram prisões, torturas, desaparecimentos forçados, assassinatos e exílio em decorrência da repressão estatal. Todavia, embora tenha existido significativo avanço em relação à participação das mulheres no “ambiente público” daquela sociedade, ainda permaneciam discursos conservadores que delineavam funções e papéis específicos para homens e mulheres nas distintas esferas em que essas mulheres transitaram, como é possível observar nas falas proferidas por militantes acerca do cotidiano no interior das organizações e, também, por agentes do Estado nos órgãos de repressão, onde elas perceberam diferenças nos discursos endereçados a homens e mulheres suspeitas de crime político.

---

<sup>2</sup> O termo “nova esquerda” neste texto é o utilizado por Marcelo Ridenti, e diz respeito à totalidade de organizações e partidos compostos por dissidentes dos partidos tradicionais de esquerda como o PCB e o PSB - considerados reformistas - e que, portanto, possuíam diretrizes que não davam conta dos ideais revolucionários que moviam indivíduos descontentes com a situação política do país durante as décadas de 60 e 70. Portanto, não diz respeito ao conceito trazido por Immanuel Wallerstein, que traduz como sendo o conjunto de movimentos sociais vertentes das ditas minorias como o Movimento Negro, o Movimento Feminista, entre outros. Ver em: WALLERSTEIN, Immanuel. ¿Qué significa hoy ser un movimiento anti-sistémico? **OSAL: Observatorio Social de América Latina**. No. 9. Janeiro/2003. Buenos Aires: CLACSO, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal9/wallerstein.pdf>>. Acesso em 16/05/2012.

<sup>3</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. **Revista Brasileira de História**. Vol.27. No. 54. São Paulo, Dec. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000200003&script=sci_arttext)> Acesso em 16/05/2012.

As mulheres envolvidas nas lutas de oposição e resistência ao governo ditatorial ousaram enfrentar a tradição que as mantinha no espaço privado-doméstico. Iniciativa que rendeu a elas a experiência de vivenciar o preconceito advindo dos próprios militantes, no interior das organizações clandestinas, ainda que em proporção menor se comparado aos órgãos repressores, nos quais o preconceito se traduziu em várias formas de violência física e psicológica. Esses constrangimentos físicos e/ou morais foram aplicados com o intuito de coibir, amedrontar, fragilizar e “educar” essas mulheres que estavam radicalmente afastadas do modelo social imposto há muito tempo, mostrando-lhes qual devia ser sua posição naquela sociedade significativamente machista.<sup>4</sup>

Então, vimos que os policiais se utilizaram das mais diversas construções culturais no que diz respeito aos *papéis* definidos para homens e mulheres, na sociedade de então, no intuito de atingirem os objetivos dos órgãos de segurança que eram o desmantelamento das organizações e o aniquilamento das forças revolucionárias. Mas, o que percebemos das práticas culturais que mediavam as relações sociais no cotidiano das organizações no que diz respeito aos tais *papéis*? Para começar, lembremos que no *Mini Manual do Guerrilheiro Urbano*, de 1969, Carlos Marighella, líder da ALN, define logo no início que “o guerrilheiro urbano é um homem que luta contra uma ditadura militar com armas [...]” e, ainda que afirme: “[...] roupas caras e elaboradas para os homens ou para as mulheres podem ser um impedimento para o guerrilheiro urbano [...]” todas as demais atribuições que faz ao guerrilheiro estão no masculino, reiteradamente diz que é um homem.<sup>5</sup> Ana Maria Colling afirma que alguns homens que participaram da luta armada não estavam dispostos a rever seus conceitos em relação à situação das mulheres na sociedade.<sup>6</sup> E fica patente que a sociedade ainda estava muito impregnada com as ideias de que homens e mulheres seriam seres com características completamente diversas e que por causa disso se atribuía a eles funções diferenciadas na sociedade, baseadas na capacidade de uns e incapacidade de outros para determinadas atuações. Especialmente nas organizações, comandadas comumente por eles, não se discutia as questões da condição feminina em relação à

---

<sup>4</sup> COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997. p. 78-85.

<sup>5</sup> MARIGHELLA, Carlos. **Mini manual do guerrilheiro urbano**. 1969. Disponível em:<<http://www.marxists.org/portugues/marighella/1969/manual/cap01.htm#1>> Acesso em: 27/05/2012.

<sup>6</sup> *Ibidem*, 1997. p. 108.

política,<sup>7</sup> ao espaço público, bem como ao direito de decidir sobre seu corpo, no que diz respeito aos relacionamentos amorosos e reprodução. Tais demandas eram vistas como de prioridade secundária. Qualquer tentativa de introdução destes assuntos nas pautas de discussões era vista como dissensão. Defendia-se que o projeto da organização era supremo: livrar a nação do poder dos militares. Afirmavam que assim que a revolução fosse vitoriosa, naturalmente todos seriam iguais.

Para conhecer um pouco mais acerca daquela conjuntura, busquei veículos de imprensa, pois eles estavam inseridos em contextos sociais que os obrigavam a compartilhar os mesmos signos e valores de seus leitores para que acontecessem diálogos inteligíveis. A partir de tais afirmações, pretendo levantar a tipologia da violência, sofrida pelas militantes – e por fazer uma análise relacional, violências sofridas por militantes homens também -, que foram apresentadas pelos jornais, bem como as possíveis motivações que levaram os redatores a publicarem as mesmas. Identificar se os escritores dos jornais se utilizaram de construções de gênero nos seus discursos para sensibilizar o público no intuito de convencer os leitores a aderirem à sua luta.

No intuito de analisar as notícias que denunciaram as violências empreendidas contra suspeitos de crimes políticos/militantes de organizações de esquerda utilizei como fontes primárias os periódicos de oposição publicados no Brasil: o jornal A Classe Operária, órgão de imprensa oficial do Partido Comunista do Brasil - PCdoB, organização de esquerda, cuja linha política se baseava no marxismo-leninismo,<sup>8</sup> defendia a luta armada, e que “surgiu como segunda alternativa política ao PCB. Suas origens remontam aos debates travados pelos comunistas entre 1956 e 1960”<sup>9</sup> que culminou em um “racha” no partidão. Em 1962 “*estava fundado um novo Partido Comunista, embora seus dirigentes designassem o ato da fundação como “momento de reorganização”*”<sup>10</sup>. O PCdoB passou por várias transições. Recebeu primeiramente o apoio da União soviética, da

---

<sup>7</sup> Ibidem, 1997. p. 67; WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. **Revista Brasileira de História**. Vol. 27, nº 54. 2007. p. 22. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a03v2754.pdf>>. Acesso em: 25/05/2012.

<sup>8</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No. 16. jul/1967. p. 3. Disponível em: <[http://grabois.org.br/admin/arqui\\_vos/arquivo\\_51\\_373.pdf](http://grabois.org.br/admin/arqui_vos/arquivo_51_373.pdf)>. Acesso em: 04/04/2012.

<sup>9</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. **A revolução faltou ao encontro: os comunistas no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 36.

<sup>10</sup> Ibidem, 1990. p. 37; Idem. Jul/1967. p. 3. Disponível em: <[http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_373.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_373.pdf)>. Acesso em: 04/04/2012.

China e da Albânia. Aos poucos foi renegando seus aliados, permanecendo apenas com o apoio da Albânia já na fase de abertura da ditadura brasileira. Em 1976, o partido sofreu seu segundo grande revés ao perder seus dirigentes assassinados em São Paulo no episódio conhecido por “chacina da Lapa”.<sup>11</sup> A primeira grande derrota se deu quando os militares aniquilaram os militantes que tinham se deslocado para a região do Araguaia<sup>12</sup> no intuito de preparar o campo para a revolução. Assim como o partido, o jornal A Classe Operária circulou clandestino, e apesar de ser publicado desde 1962, foi encontrado e analisado entre os anos de 1967 até 1983, época que compreende a fase mais sangrenta da ditadura brasileira, incluindo o confronto entre as Forças Armadas e os guerrilheiros do Araguaia com o extermínio destes, e a fase de distensão da ditadura.

E o Compañero, clandestino, órgão oficial do *Partido por la Vitória del Pueblo - PVP*, tendo sido pesquisado os números disponíveis: do ano de 1973 e entre os anos de 1978 até 1984. Tanto o partido quanto o periódico trilharam trajetórias que tem como base a *Federação Anarquista Uruguiaia - FAU*. Esta organização foi criada no final de 1956,<sup>13</sup> e esteve ligada, desde então com movimentos sindicais. A partir de dezembro de 1967, quando as organizações de caráter revolucionário foram postas na ilegalidade, a FAU criou três grupos de ação em seu interior, cada um com objetivos específicos de atuação política entre o povo. Um deles ficou sendo a própria FAU, cujos integrantes seriam os mais destacados militantes, uma espécie de vanguarda; o outro, chamado *Resistencia Obrero Estudiantil – ROE*, para atuar no trabalho de conscientização das massas, uma vez que continha os setores mais dinâmicos da sociedade – estudantes e trabalhadores - e ter um perfil legal. Por último, a *Organización Popular Revolucionaria “33 Orientales” - OPR-33*, “una organización armada cuyo fin es el apoyo de la lucha de masas y la radicalización de las movilizaciones. Nesta época, foram produzidos dois órgãos de comunicação da FAU: um chamado *Rojo y Negro*, que teve publicado apenas dois números, para ser o contato da Federação com o público em geral. A direção estava a cargo de Gerardo Gatti, um de seus líderes, que tinha experiência com jornais, pois tinha

---

<sup>11</sup> POMAR, Pedro Estevam da Rocha. **Massacre na Lapa**: como o Exército liquidou o Comitê Central do PCdoB – São Paulo, 1976. 3. ed. rev.. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. 189p.

<sup>12</sup> Ver MORAIS, Taís, SILVA, Eumano. **Operação Araguaia**: os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2005. 656p.

<sup>13</sup> TRISTÁN, Eduardo Rey. **A la vuelta de la esquina**: la izquierda revolucionaria uruguayana 1955-1973. Montevideo: Fin de siglo, 2006. p. 217.

trabalhado como jornalista no periódico *Lucha* e era linotipista.<sup>14</sup> E outro, clandestino, denominado de *Revista* ou *Cartas de FAU*, destinado à orientação dos militantes nos meios estudantis e de trabalhadores, que durou todo o período de clandestinidade da organização até 1971.

No início de 1971, o governo de Pacheco Areco revogou a medida que havia colocado a FAU na ilegalidade. Então, foi decidido que outro jornal ia ser publicado e o grupo responsável pela publicação foi a ROE. Assim nasceu Compañero. Foi veiculado quinzenalmente, salvo exceções em que saiu semanalmente, de abril de 1971 até 1973.<sup>15</sup> Depois do golpe, com a nova perseguição contra as organizações de oposição ao governo de Juan María Bordaberry, uma parte dos militantes e líderes dessa organização se dirigiu ao exílio na Argentina, onde fundaram o *Partido por la Victoria del Pueblo*, sob as mesmas lideranças: Gerardo Gatti e León Duarte.<sup>16</sup>

Em 1976, vários destes militantes e líderes foram sequestrados, mortos ou desaparecidos em Buenos Aires. Em 1977, o Compañero voltou a ser publicado, só que desta vez, do exterior.<sup>17</sup> O responsável pela redação do jornal a partir deste período foi o professor de história e bancário Hugo Cores,<sup>18</sup> enquanto esteve em São Paulo, Brasil. De onde saíam os jornais que denunciaram as violações reiteradas aos direitos humanos, praticadas pelos agentes das polícias e Forças Armadas do Uruguai. A confecção do jornal contou com o auxílio de outros militantes do PVP que o ajudaram na confecção e transporte do jornal até a fronteira com o Uruguai.<sup>19</sup> A abertura do regime provocou o encerramento desta fase do Compañero em 1984.

---

<sup>14</sup> RODRÍGUEZ, Universindo; TRÍAS, Ivonne. **Gerardo Gatti**: revolucionário. Montevidéu: Trilce, 2012. p. 24-29.

<sup>15</sup> Ibidem, 2006. p. 229.

<sup>16</sup> Ibidem, 2006. p. 235.

<sup>17</sup> SANTIN, Ruben Daniel. **Entrevista**. Concedida a Mirian Alves do Nascimento. Montevidéu, Uruguai, 09/05/2012. Acervo do LEGH/UFSC. 10p.

<sup>18</sup> TRÍAS, Ivonne. Hugo Cores. **Pasión y rebeldía en la izquierda uruguaya**. Montevidéu: Ediciones Trilce, 2008. p. 20-21.

<sup>19</sup> Em conversa informal com o militante do PVP Alberto Caetano, que também se exilou primeiramente no Brasil – tem um filho que nasceu no Brasil - e depois, devido ao sequestro e posterior prisão de Universindo Rodríguez e Lilian Celiberti, numa ação conjunta das polícias do Brasil e do Uruguai (ver REIS, Ramiro. Por que Lilián Celiberti e Universindo Rodríguez foram sequestrados? Resistência uruguia em Porto Alegre no final da década de 1970. **Estudios históricos**. N° 3. Dec/2009. Disponível em: <<http://www.estudioshistoricos.org/edicion3/ramiro-reis.pdf>>. Acesso em: 10/07/2012.), acabou por ir para a Europa – ele me relatou que alguns materiais escritos e os jornais, produzidos em formato pequeno – folha A4 dobrada ao meio – eram produzidos com serigrafia e transportados clandestinamente dentro de caixas de bombons, embalagens de coco seco, café e pequenos quadros, entre a tela

Para tal estudo, que envolveu o Brasil e o Uruguai, países vizinhos que atravessaram histórias semelhantes entre as décadas de 1960 e 1980, utilizei como suporte teórico a história comparada. Segundo Maria Lígia Coelho Prado, “a história de cada país latino-americano corre paralelamente às demais, atravessando situações sincrônicas bastante semelhantes”.<sup>20</sup> De acordo com Theml e Bustamante, por convocar pesquisadores a analisarem as sociedades em múltiplos aspectos, a perspectiva comparativa permite e proporciona a percepção de singularidades, diversificação, estranhamento, e pluralização, produzindo “frequentemente espaços de inteligibilidade e de reflexões nova[s]”.<sup>21</sup>

Para analisar as atribuições de papéis dispensadas às mulheres e homens lançarei mão das reflexões trazidas pelos estudos de gênero sob um viés feminista,<sup>22</sup> “na compreensão do gênero como uma construção social, cultural e histórica, sempre relacional, e que define hierarquias e estratégias de poder, territórios e comportamentos para homens e mulheres”, segundo Cristina Scheibe Wolff.<sup>23</sup> E o gênero, enquanto construção cultural se dá através da elaboração discursiva que se transforma em “práticas sociais, nas quais saber e poder se entrecruzam, configurando categorias sociais ao serem emitidas por instituições ou especialistas e também subjetividades, ao serem apropriados e emitidos pelos sujeitos”.<sup>24</sup>

Ella Shohat afirma que os discursos “são percebidos, consumidos e tem impacto material, político e cultural na vida das pessoas”. Para esta autora, nada escapa da mediação das representações, mas as representações, igualmente, “têm um impacto no mundo, em nossas identidades projetadas,

---

e o papelão, até a fronteira com o Uruguai, onde militantes estavam esperando para distribuí-los no país.

<sup>20</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. Repensando a História Comparada na América Latina. **Revista de História**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, num. 153, 2º Semestre de 2005. p. 12.

<sup>21</sup> BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; THEML, Neyde. História Comparada: olhares plurais. **Revista de História Comparada**, vol. 1, n.1, jun.2007. p. 14-16. Disponível em: <[http://www.hcomparada.ifs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001\\_Num001\\_artigo003.pdf](http://www.hcomparada.ifs.ufrj.br/revistahc/artigos/volume001_Num001_artigo003.pdf)>. Acesso em: 28/05/2012.

<sup>22</sup> PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História** [online]. 2005, vol.24, n.1, p. 82. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>> Acesso em: 27/10/2010.

<sup>23</sup> WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. **Revista Brasileira de História**. Vol. 27, nº 54. 2007. p. 21. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a03v275\\_4.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n54/a03v275_4.pdf)>. Acesso em: 25/05/2012.

<sup>24</sup> Idem.

em nossas identificações sociais e filiações culturais”.<sup>25</sup> Os discursos dos jornais, uma vez lidos pelos leitores, poderiam fazer com que se posicionassem ao lado dos que lutavam contra as ditaduras, aderindo às organizações ou mesmo encontrando formas de denunciar aos organismos internacionais o que se passava nos órgãos de repressão, por exemplo.

Segundo Tânia De Luca, os “jornais [...] não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”.<sup>26</sup> É pertinente apontar, também, o que Eni Orlandi nos mostra: “se pensamos o discurso como efeito de sentidos entre locutores, temos de pensar a linguagem de uma maneira muito particular: aquela que implica considerá-la necessariamente em relação à constituição dos sujeitos e à produção dos sentidos.”<sup>27</sup> E complementa que a história está imbricada neste processo, uma vez que ela dá ferramentas para que os signos sejam compartilhados com significados semelhantes entre quem emite informação e quem recebe. A autora aponta, ainda, que “o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana”,<sup>28</sup> porque a linguagem faz a mediação entre o ser humano e seu entorno social. Logo, é através dos discursos que o indivíduo expõe suas realidades, que por sua vez são resultado das experiências vivenciadas por ele durante sua trajetória de vida. Era através dos discursos contidos nos jornais que as direções das organizações contatavam tanto seus militantes como outras pessoas que porventura recebessem o impresso nas ruas, nas portas das fábricas, bem como de algum conhecido. Essas colocações são pertinentes, sobretudo, porque fazer história implica em estudar, pesquisar e analisar rastros que chegaram até nós, e neste caso, os discursos impressos nos jornais são os fragmentos que nos possibilitam uma aproximação do conjunto de discursos que compunham a cultura de então a respeito do que se concebia ser um professor, uma dona de casa, um operário, um estudante, um militar, uma

---

<sup>25</sup> COSTA, Claudia de Lima; Maluf, Sônia. Feminismo fora do centro: entrevista com Ella Shohat. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2001. p.156. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8607.pdf>>. Acesso em: 03/05/2010.

<sup>26</sup> DE LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 140.

<sup>27</sup> ORLANDI, Eni P. Discurso, Imaginário Social e Conhecimento. **Em Aberto**. Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994, p. 53. Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/911/817>> Acesso em: 15 de setembro de 2010.

<sup>28</sup> ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2009. p.15.



mulher, um homem, um policial, um suspeito, enfim, os personagens que estão sob análise neste trabalho.

Comumente o jornal clandestino brasileiro publicou notícias que denunciaram a aplicação de violências contra indivíduos em geral, sem que se lhes imputasse militância em alguma organização de esquerda, como a notícia a seguir: “Sucedem-se as prisões em massa de cidadãos, que são submetidos a torturas, quando não assassinados”.<sup>29</sup> Nesta breve exposição notamos que o redator utilizou a palavra cidadão, o que provavelmente todos eram de fato, salvo um ou outro estrangeiro que se comprometeu com as organizações de esquerda. Porém, para o Estado muitos suspeitos eram apenas terroristas, como eram expostos nos cartazes espalhados pelas rodovias e outros lugares de aglomeração de pessoas. E, além do mais, como vimos no AI-14,<sup>30</sup> havia a possibilidade das pessoas serem banidas devido à “guerra revolucionária”, como aconteceu a muitos que foram para o exílio e perderam a cidadania brasileira até a promulgação da Lei da Anistia. O termo “prisão em massa” dá a impressão de que não havia critério para se efetivar as prisões, ou seja, havia incompetência por parte da polícia que acabava por torturar e/ou assassinar tais suspeitos/presos.

Frequentemente o jornal denunciou os abusos dos órgãos repressivos ao falar das violências cometidas, assim: “em nome da chamada luta contra a subversão, prendem, torturam e assassinam patriotas”.<sup>31</sup> Foi comum nos dois países estudados acontecerem tais fatos. Hoje conhecemos bem os números assustadores do saldo de vítimas das ditaduras. Mas o que me intrigou neste fragmento de texto, encontrado muitas outras vezes, é o uso do termo “patriotas”. Pois, o próprio jornal trouxe uma manchete, em seu número de outubro de 1975, que diz “Viva o internacionalismo dos povos”<sup>32</sup> e outro número traz: “devemos conservar ainda mais estreitos esses vínculos internacionalistas”.<sup>33</sup> Na capa de vários números do jornal há

---

<sup>29</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No. 27. 01/02/1969. p. 5. Disponível em: <[http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_375.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_375.pdf)>. Acesso em: julho de 2010.

<sup>30</sup> SITE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Ato institucional nº 14, de 5 de setembro de 1969. In: **Legislação**. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/atoinst/1960-1969/atoinstitucional-14-5-setem\\_bro-1969-354940-norma-pe.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/atoinst/1960-1969/atoinstitucional-14-5-setem_bro-1969-354940-norma-pe.html)>. Acesso em: 04/08/2013.

<sup>31</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No. 19. 01/12/1967. p. 1. Disponível em: <[http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_404.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_404.pdf)>. Acesso em: 22/09/2010.

<sup>32</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No. 101. 01/02/1977. p. 1. Disponível em: <[http://gfmauricio.grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_84.pdf](http://gfmauricio.grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_84.pdf)>. Acesso em: 15/03/2011.

<sup>33</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No. 113. 01/12/1967. p. 23. Disponível em: <[http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_404.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_404.pdf)>. Acesso em: 22/09/2010.

a célebre frase de Marx: “Proletários de todos os países, uni-vos”,<sup>34</sup> nada mais internacionalista. Usar “patriotas” é uma contradição, mas para sensibilizar leitores, valia ser contraditório.

Outra denúncia no mesmo número do jornal traz que

Crimes inomináveis são cometidos contra os adversários políticos nas cadeias e cárceres do país. Se os presos não aceitam as acusações ou repelem as brutalidades dos esbirros da polícia e do Exército, são submetidos a vexames e torturas que revelam bestial sadismo. Com verdadeira sanha fascista os carcereiros procuram quebrantá-los fisicamente, abatê-los moralmente e fazê-los capitular. E não são poucos os que têm pago com a vida sua resistência heroica.<sup>35</sup>

Como foi explicado acima, a tortura era realizada, comumente, para a obtenção de informações sobre outros militantes das organizações, o que fica claro nesta notícia. Mas havia o interesse, também, de desmoralizar o indivíduo, fazê-lo desistir de lutar contra o governo. No entanto, o redator que certamente escrevia para fazer circular as denúncias entre outros companheiros e simpatizantes que pudessem aderir ao combate contra o governo não se utiliza da vitimização, mas valoriza a resistência das pessoas que não cediam mediante a violência sofrida e se sacrificaram pela causa, chamando-os de heróis. Já os policiais torturadores foram desqualificados quando chamados de esbirros, pois, segundo o dicionário da língua portuguesa, esta palavra vem do italiano e significa “empregado menor dos tribunais”, e, mais, chama-os de sádicos, que tem alguma relação com o fascismo, regime que se aliou ao nazismo na II Guerra Mundial, então, não podia ser algo positivo. A denúncia demonstra também que por mais vil que fosse o tratamento dos presos pelos policiais, embora os últimos estivessem em posição superior de força, ainda assim, recebiam resistência por parte dos presos, porque não eram presos comuns, mas “adversários políticos”. Ao estudar todos os números do jornal A Classe Operária, do PCdoB, foi possível constatar que a expressão “vexames e torturas que revelam bestial sadismo” era normalmente utilizada para denunciar violência que envolvia

---

<sup>34</sup> Ver em: MARX, Karl; Friedrich Engels. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 88.

<sup>35</sup> Idem. 01/02/1969. p. 8.

abuso sexual tanto para os homens quanto para as mulheres.<sup>36</sup> Ainda nesta notícia vemos que o redator usa sujeitos escritos em gênero masculino, mas dito como universal, uma vez que não fala de mulheres, embora saibamos que certamente elas estavam sofrendo as mesmas sevícias. É pertinente ainda apontar que nesta notícia o redator disse: “Crimes inomináveis são cometidos contra os adversários políticos nas cadeias”. Neste fragmento podemos ver que há a referência à violência praticada contra “adversários políticos”, os militantes de oposição ao governo. Claro que quando os jornais alardearam que “cidadãos” estavam sendo presos, pode ter sido com a intenção de chamar a atenção das pessoas para a possibilidade de qualquer um que contrariasse o governo sofrer retaliações por parte dos órgãos de repressão e, ainda, que os perseguidos não eram marginais. O jornal Compañero do PVP uruguaio publicou a seguinte nota: “*Que el enemigo es capaz de cualquier atrocidad bien sabemos como P.V.P., con decenas de compañeros desaparecidos, asesinados o presos*”.<sup>37</sup> Aqui, o responsável pela escrita da notícia relata que dezenas de militantes do seu partido estão “*desaparecidos, asesinados o presos*”. Sem especificar se eram os homens ou mulheres, porém sabemos que foram ambos. Dizer que quem está sofrendo violência são os militantes foi prática comum na grande maioria dos números dos jornais Compañero pesquisados durante este estudo. Ao contrário do A Classe Operária que geralmente colocou a ocupação de trabalho do supliciado, a não ser que ele já estivesse morto. Ação compreensível naquela conjuntura, quando se tentava proteger alguém sem deixar de denunciar.

No fragmento de notícia a seguir vemos que o redator especifica a ocupação dos que estão sofrendo com as ações do governo: “[...] suspensões maciças de estudantes e professores, prisões e torturas, perseguições indiscriminadas [...]”<sup>38</sup>. É possível inferir aí que o uso das palavras “estudantes e professores” fez-se de maneira proposital, com o objetivo de criar no público empatia com a causa, uma vez que pessoas ligadas à intelectualidade, que estudavam e ensinavam, estavam sendo afastadas das suas atividades e padecendo torturas. Não eram “bandidos” nem “terroristas” que estavam sofrendo nas mãos de policiais torturadores. Este mesmo periódico comumente noticiou as violências contra seus militantes, deixando claro seu status, apenas quando estes já estavam presos em

---

<sup>36</sup> NASCIMENTO, Mirian Alves do. **A imprensa alternativa e a violência contra mulheres nas ditaduras militares do Brasil e Chile (1964-1989)**. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado e licenciatura em História). UFSC, 2010. p. 9.

<sup>37</sup> Idem. 1º/05/1978.

<sup>38</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No. 28. 01.03.1969. p. 4. Disponível em: <[http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_376.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_376.pdf)>. Acesso em: 7/2010.

presídios, já tendo sido julgados pela Justiça Militar ou mortos, pois assim não ofereciam o risco de seus companheiros sofrerem dano maior pela confirmação do engajamento político. Eis a notícia sob o título “Banditismo da ditadura”:

Agora, os atentados à pessoa humana são mais frequentes e bárbaros do que antes. Recentemente, foi assassinado no DOPS de Belo Horizonte o sargento da Aeronáutica João Lucas Alves. O laudo cadavérico que chegou à Justiça militar informava que a causa mortis fôra provocada por “asfixia mecânica” e que, no corpo do sargento, “foram constatados arrancamentos de unhas com esmagamentos de outras”, além de “escoriações e equimoses em várias partes do organismo”.<sup>39</sup>

No trecho acima podemos notar que o redator do jornal trouxe detalhes da morte do sargento João Lucas Alves, sublinhou inclusive o termo *causa mortis*, certamente para chamar mais a atenção do leitor. Ficou claro que houve a intenção de mostrar que após o AI-5 o tratamento dos militares dispensados aos suspeitos de militância política mostrou-se mais atroz. Quando mencionou que “os atentados à pessoa humana são mais frequentes e bárbaros do que antes” distanciou seus algozes da humanidade e aproximou-os de uma condição desumana, pois parece incompatível que seres da mesma espécie se tratem dessa maneira, ao violar os direitos mais elementares do ser humano, o direito a vida e a integridade física. O título “Banditismos da ditadura”, bem apropriado, já infere certa distância entre os responsáveis pela ditadura e os que eram perseguidos por eles. Outra notícia que demonstra a crueldade com que militares trataram presos políticos é a que segue:

Em toda parte, as Forças Armadas e a polícia recorrem aos métodos mais requintados e sádicos para arrancar confissões dos detidos. Um dos presos em Salvador relatou perante o juiz-auditor os maus tratos sofridos: além dos choques elétricos, penduraram-no numa árvore com a ponta dos pés mal atingindo o solo, o que o obrigava a tremendos esforços para suportar o

---

<sup>39</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No. 29. 01.04.1969. p. 10. Disponível em: <[http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_377.pdf](http://grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_377.pdf)>. Acesso em: 22/07/2010.

suplício. Outro prisioneiro, no Rio, um economista, ficou cinco dias em estado de coma. Os policiais, que o torturaram, subiam numa mesa e pulavam sobre o seu corpo imobilizado no chão. Quebraram-lhe várias costelas e uma clavícula. Dias depois, a polícia informava cinicamente à imprensa que o preso teria tentado suicidar-se se atirando sob as rodas de um caminhão. Em São Paulo, repetiram-se as brutalidades, sobretudo contra os militares acusados de atividade subversiva. Diz-se que um deles morreu na prisão.<sup>40</sup>

Apesar da denúncia acima trazer o caso de um homem, A Classe Operária denunciou cruamente casos de violência contra mulheres também. Denunciou a morte, em detalhes, de Helenira Resende, estudante que militou no Araguaia e que é denominada de Elenira Machado na notícia, talvez devido ao uso de codinomes, conforme vemos abaixo.

Caiu bravamente. Cercada por tropas da reação, não se amedrontou. Recebeu uma rajada de metralhadora nas pernas e verteu muito sangue. Assim mesmo atirou quanto pode nos que se aproximavam. E acertou no alvo. Depois foi agarrada. Como prisioneira, sua vida devia ser respeitada. Embora gravemente ferida, tinha possibilidade de restabelecer-se. No entanto, os bandidos fardados trataram de liquidá-la utilizando a tortura. Queriam que falasse. Elenira gritou-lhes na cara: “Os companheiros me vingarão”. Assassinará-na bestialmente. Este crime das Forças armadas nunca será olvidado.<sup>41</sup>

A notícia do periódico Compañero, publicada em 1978, sob o título: “¡Abajo la dictadura! Viva el 1º de Mayo!” diz assim:

Muchos de los hombres y mujeres que contribuyeron a la forja del movimiento obrero uruguayo hoy se encuentran presos, muertos o desaparecidos. Tal es el caso de los compañeros Gerardo Gatti, León Duarte,

---

<sup>40</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No. 100. 01.09.1975. p. 3. Disponível em: <[http://www.fmauriciograbois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_71.pdf](http://www.fmauriciograbois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_71.pdf)>. Acesso em: 12/07/2010.

<sup>41</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. Nº 81. Jan/1974. p. 7. Disponível em: <[http://www.fmauriciograbois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_50.pdf](http://www.fmauriciograbois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_50.pdf)> Acesso em 15de agosto de 2010.

Hector Rodriguez, Gerardo Cuestas, Washington Rodriguez Beletti y Vladimir Turiansky.<sup>42</sup>

É importante notar que o redator, ao denunciar prisões, mortes e desaparecimentos o fez incluindo “*hombres y mujeres*”, e acrescenta que ambos “*contrubuyeron a la forja del movimiento obrero uruguayo*”, uma mostra das origens políticas do *Partido por la Victoria del Pueblo*, que se deu no movimento anarquista - que entre outras demandas, defendia a igualdade entre mulheres e homens, embora, segundo conversas com alguns militantes, no cotidiano “*o machismo latino americano predominava*”<sup>43</sup> – conjuntamente com o movimento sindical que sofreu reestruturação através de iniciativas da Federação Anarquista Uruguiaia (FAU).<sup>44</sup> Entretanto, nesta notícia, não há a menção de nomes de mulheres, ainda que algumas já estivessem sofrendo prisões, mortes ou desaparecimentos forçados. Mas a omissão dos nomes das mulheres não era regra nas páginas do órgão de imprensa do PVP, como vemos na seguinte denúncia sob o título “*24 de mayo de 1976: aniversario de dolor y de coraje*” - que ganhou destaque ao estar junto a duas imagens, raras neste tipo de publicação, e circuladas em preto:

El 18 de mayo se cumplen dos años del secuestro y asesinato en Buenos Aires de Michellini, Gutierrez Ruiz, Barredo y Whitelaw. Hacía apenas un mes que había aparecido el cuerpo acribillado de nuestra compañera Telba Juárez y, apenas unos días antes, da desaparición de Eduardo Chizzola y Ary Cabrera. La criminal colaboración represiva entre la dictadura uruguaya y a la Junta Militar argentina iba a alcanzar su apogeo en esos meses trágicos de 1976.<sup>45</sup>

A publicação deste número do jornal no mês de maio foi aproveitada para se fazer uma pequena retrospectiva de crimes praticados neste fatídico mês, em 1976, dois anos antes, na capital argentina, onde houve várias quedas de militantes da esquerda uruguiaia, especialmente do *Partido por la Victoria del Pueblo*, que prosseguiram com a militância a

---

<sup>42</sup> Ibidem. 1º/05/1978. p. 4 e 5.

<sup>43</sup> Idem, 09/05/2012.

<sup>44</sup> TRISTÁN, Eduardo Rey. **A la vuelta de la esquina: la izquierda revolucionaria uruguaya 1955-1973**. Montevideo: Fin de siglo, 2006.p. 200-207.

<sup>45</sup> PVP. **Compañero**. No. 64. 1º/05/1978. Montevideo. p. 5.

partir do país vizinho, inclusive com a produção de periódicos.<sup>46</sup> Lembrou-se da presença de muitas pessoas no funeral e comparou-se ao número de pessoas que participaram da greve geral em 1973, elogiando-as por sua coragem contra a ditadura. A notícia mencionou a cooperação entre as polícias da Argentina e Uruguai e falou do modo como foi morta a militante, que teve seu corpo *acribillado*, logo, foi muito ferido, perfurado.<sup>47</sup> No entanto, apesar de ter sido citada a morte e a forma pela qual foi assassinada Telba Juárez na notícia acima, na hora de prestar homenagens seu nome não foi lembrado, conforme vemos abaixo. No pé da página, dentro da mesma linha de destaque ainda vemos: “*A los compañeros Micheliní, Gutiérrez Ruíz, Barredo y Whitelaw les decimos ¡presente! En sus vidas inmolidas nuestro homenaje a todos los que han caído luchando en estos duros años de dolor [...].*”<sup>48</sup>

No mesmo número do jornal há uma notícia sob o título “*Gestiones por la vida y la libertad de Elena Quinteros*”, publicada em uma sessão que traz destaques internacionais, com o seguinte texto:

La señora María del Carmen Almeida, madre de nuestra compañera Elena Quinteros, se encuentra hoy en Venezuela haciendo gestiones por su hija. Elena Quinteros es la joven maestra secuestrada por militares uruguayos luego de haberse asilado en la Embajada de Venezuela el 24 de junio de 1976, motivo por el cual ese país rompió relaciones diplomáticas.<sup>49</sup>

Vemos que o texto acima trouxe várias informações, especialmente acerca das arbitrariedades do regime ditatorial uruguai, que praticamente não se diferiu de seus pares no Cone Sul, ao desrespeitar acordos internacionais. E, especificamente neste caso, sobre questões de diplomacia no que tange ao espaço territorial ocupado por embaixadas, ao sequestrar a professora Elena Quinteros,<sup>50</sup> que estava presa sob domínio da polícia uruguia, conseguira se desvencilhar dos policiais, adentrara a embaixada venezuelana e pedido asilo político. Porém, foi retirada de lá por policiais

---

<sup>46</sup> SANTIN, Ruben Daniel. **Conversa informal**. Com Mirian Alves do Nascimento. Montevideú, Uruguai, 09/05/2012.

<sup>47</sup> Segundo o Dicionario de la lengua española da Real Academia Española, *acribillar*: hacer muchas heridas o picaduras a una persona.

<sup>48</sup> Idem, 1º/05/1978.

<sup>49</sup> Ibidem. 1º/05/1978. p. 6.

<sup>50</sup> BAUMGARTNER, José Luis; MATOS, Jorge Duran; MAZZEO, Mario. **Os desaparecidos**: a história da repressão no Uruguai. Ed. Tchê. p. 145.

uruguaios, contrariando funcionários da embaixada que a haviam recebido. Fato que se tornou um incidente diplomático e resultou no rompimento de relações entre os dois países até 1985. Para a polícia uruguaia, ao que pareceu, a prisão e o posterior desaparecimento da militante do PVP era mais importante que a relação diplomática com a Venezuela – país que não estava sob domínio ditatorial na época.<sup>51</sup> Lembro que a professora foi lembrada outras vezes no jornal que perguntou com certa insistência sobre seu paradeiro. A profissão dela talvez ajudasse na empatia dos leitores.

Para as análises das matérias publicadas nos jornais que denunciaram violências sexuais levaremos em conta os vários tipos de violências citados por alguns estudiosos do tema,<sup>52</sup> conforme vemos a seguir.

Lala Mangado e María Celia Robaina indicam algumas formas dessa violência: “desnudez forzada, acoso, humillación y burla con connotación sexual, abuso, amenaza y/o simulacro de violación, violación, prostitución forzada, forzamiento al exhibicionismo, mutilación, embarazo o aborto forzados, esclavitud sexual.” Acrescentam que durante o período de exceção uruguaio a violência sexual foi utilizada como “estratégia de guerra”. Na qual os “[...] actos de vejación sexual realizados por represores a través de la fuerza física, el uso de armas, animales u objetos amenazantes [...]” foram utilizados “[...] con la intención de torturar a la mujer y a los compañeros que veían y escuchaban, así como sacarlas información, humillarlas, dominarlas y dividir los grupos.”<sup>53</sup>

Alguns especialistas no assunto vão mais longe para definir as violências sexuais na tortura. A socióloga argentina Elizabeth Jelin, afirma que:

En realidad, toda tortura involucra una violación al cuerpo sexuado de la persona. La desnudez desvergonzada, las prácticas de tortura sobre aquellas partes del cuerpo donde la sensibilidad es mayor – especialmente órganos sexuales y zonas erógenas – ya

---

<sup>51</sup> LANDER, Edgardo. Venezuela: conflito social em um contexto global. In BENEDITO, Flávio (org.). **Venezuela: temas contemporâneos**. São Paulo, 2011. p. 7-10. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/65432081/VENEZUELA-TEMAS-CONTEMPORANEOS>>. Acesso em: 12/07/2012.

<sup>52</sup> O conjunto das violências sexuais que aparecem nas legislações internacionais será analisado no quarto capítulo, quando tratarei dos direitos humanos.

<sup>53</sup> MANGADO, Lala; ROBAINA, María Celia. La emergencia de un prolongado y silenciado dolor. In: BAICA, Soledad González; FERNÁNDEZ, Mariana Risso (Comp.). **Las Laurencias**. Montevideo: Trilce, 2012. p. 28.



son en sí mismas actos de violación sexual. La cuestión es que en muchas ocasiones, se traspasó otro límite a través del abuso sexual genital. Y esto parece agregar algo que puede ser considerado cualitativamente diferente.<sup>54</sup>

A partir das análises observei que os jornais pouco disseram a respeito das violações sexuais genitais infligidas aos presos políticos. Tais notícias, se por um lado poderiam escandalizar as pessoas ao saberem dos crimes acontecidos sob a responsabilidade do Estado, poderiam, também, deixar as vítimas vulneráveis à estigmatização frente aos julgamentos das pessoas conhecidas.

A ausência das violências sexuais contra os homens nos jornais e literatura acerca das ditaduras nos dois países me fez lembrar de uma conversa que tive com um militante do PVP, o senhor Raul Oliveira,<sup>55</sup> que ao ser indagado sobre o assunto revelou-me que apenas um militante uruguaio havia passado por essa experiência. Talvez ele se referisse à violação com conjunção carnal, pois as demais violências sexuais foram apontadas nas denúncias dos jornais, ou ainda, que apenas um deles expôs a violação sofrida.

Em todos os jornais do PCdoB pesquisados encontrei poucas notícias que falaram claramente sobre as violências sexuais sofridas por mulheres militantes durante as torturas e uma delas é a seguinte:

Impressionantes e numerosos são os relatos, infelizmente pouco divulgados, de homens e mulheres que passaram pelos cárceres da ditadura. Crianças atormentadas diante dos pais, esposas violadas na frente dos maridos, pessoas idosas afrontadas física e moralmente...<sup>56</sup>

Aqui, no intuito de sensibilizar o público leitor para as práticas de tortura pelas quais passavam indivíduos relacionados à oposição e resistência ao regime, os responsáveis pela notícia relacionaram nela pessoas apontadas como naturalmente frágeis: as crianças e as idosas. E

---

<sup>54</sup> JELIN, Elizabeth. Dilemas del presente: los abusos sexuales como crímenes de lesa humanidad. In: **Crónicas de la utopia**. Disponível em: <<http://www.rebellion.org/docs/123453.pdf>> Acesso em 2013.

<sup>55</sup> Em Montevidéu, maio de 2012.

<sup>56</sup> PCdoB. **A Classe Operária**. No 86. p. 7. Junho/1974. Disponível em: <[http://www.grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_55.pdf](http://www.grabois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_55.pdf)> Acesso em: 15 de janeiro de 2011.

situações contundentes que tornariam a denúncia mais incisiva, como, “crianças atormentadas na frente dos pais”, violência que ia ao encontro da construção cultural que põe os pais como pessoas que amam os filhos incondicionalmente e, portanto, tornaria aquela situação ainda mais difícil de suportar, pois consistia em responsabilizar os pais pela violência a que estavam sendo submetidos seus filhos. Não digo que aqueles pais não fossem assim, amorosos, mais isso não pode ser entendido como regra na nossa sociedade. E por último, o fato de as esposas estarem sendo violadas na frente dos esposos. É estranha esta afirmação. Porque não denunciaram a violência sexual contra as mulheres somente? E as demais mulheres que se encontravam solteiras? Será que não sofreram violência sexual? Porque atrelaram a denúncia de violação das mulheres ao fato de as violarem a vista dos maridos? Esse fato faz lembrar que durante muito tempo se creditou a honra dos homens ao comportamento sexual das mulheres de sua família como a mãe, as irmãs, as filhas e as esposas.<sup>57</sup> Por isso talvez fosse mais contundente à época dizer que as mulheres estavam sendo violadas na presença dos companheiros do que apenas dizer que estavam sendo violadas. O que nos indica que o redator pensava que naquela situação a dor pela violação talvez fosse maior nos maridos, uma vez que ele havia falhado no “seu papel” de protetor da mulher e dos filhos.

Além de um dos exemplos mostrado acima, encontrei a seguinte notícia publicada em 1973 que possibilita o entendimento que “vexames monstruosos” podem indicar violência sexual, prática que se deu nos órgãos de repressão:

As forças repressivas tratam brutalmente as jovens que combatem pela liberdade. Os carrascos policiais e os militares usam os processos mais infames nos interrogatórios e as submetem a vexames monstruosos. É grande o número das que se acham presas ou condenadas. Muitas vivem na clandestinidade. Entre pessoas assassinadas pela polícia por motivos políticos contam-se dezenas de mulheres. Deram suas vidas, em plena juventude, combatendo a tirania.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup> BURITI, Iranilson. Espaços de Eva: a mulher, a honra e a modernidade no recife dos anos 20 (Século XX). *Revista História Hoje*. p. 5. São Paulo, Nº 5, 2004.

<sup>58</sup> PCdoB. *A Classe Operária*. Nº 74. p. 9. Junho/1973. Disponível em: <[http://www.gra Bois.org.br/admin/arquivos/arquivo\\_51\\_43.pdf](http://www.gra Bois.org.br/admin/arquivos/arquivo_51_43.pdf)>. Acesso em: 16 de setembro de 2010.

A próxima notícia citou os “adversários políticos”, mas não especificou o gênero deles. Trouxe as expressões “vexames” “torturas” e “bestial sadismo”. Novamente pode estar indicando que os presos sofreram violência sexual, só que desta vez não se está claramente falando das mulheres:

Crimes inomináveis são cometidos contra os adversários políticos nas cadeias e cárceres do país. Se os presos não aceitam as acusações ou repelem as brutalidades dos esbirros da polícia e do Exército, são submetidos a vexames e torturas que revelam bestial sadismo. Com verdadeira sanha fascista os carcereiros procuram quebrantá-los fisicamente, abatê-los moralmente e fazê-los capitular. E não são poucos os que têm pago com a vida sua resistência heroica.<sup>59</sup>

É possível que seja mesmo a indicação de que os homens também estavam sendo submetidos à violência sexual.

Na edição de 14/02/1979, sob o título “Torturando alcancé a ver a jefes de unidad, a comandantes...”, Compañero publicou informações contidas em um testemunho de um “ex-Tenente Primero del Ejercito uruguayo” que, segundo informa o jornal, foi afastado da instituição por ter se negado a participar das sessões de tortura. Na notícia há relatos de várias violências cometidas contra militantes. Sobre violência sexual o jornal traz: “En el testimonio de Cooper figuran también vários casos de violación de detenidas. En uno de ellos está en vuelto el hijo del Gral. Ballestrino, oficial, por entonces, en el cuartel de Durazno.” Neste trecho não há dúvida nenhuma de que está se falando que houve conjunção carnal. Mas é importante frisar que em uma matéria que ocupa duas páginas apenas cinco linhas foram ocupadas, em uma página dividida em dois verticalmente, pra denunciar violências tão atroz. Logo abaixo, há a afirmação de que os presos que já cumpriam pena em presídios foram retirados e levados para sofrerem novas torturas, e cita o caso de duas mulheres, presas em Punta de Rieles, levadas à tortura em 1975.<sup>60</sup>

Outra matéria com denúncias de torturas baseadas em testemunho de outro ex-militar, desta vez um ex-soldado, fotógrafo e agente da “Compañía de Contra-Informaciones del Ejército”, cujo nome é Hugo

---

<sup>59</sup> Ibidem. Fevereiro/1969. p. 8.

<sup>60</sup> Compañero. **Julio César Cooper, ex oficial del Ejército revela [...]**. No. 72. 14/02/1979. Montevideo. 16p. pp. 7.

Walter Garcia Rivas, descreveu as torturas sofridas por outra presa, desta vez com a informação de que era militante do PVP. O texto revela:

Yo presencie el interrogatorio de Rosario Pequito Machado. Fue torturada en el 'tacho'. Nosotros le decimos tacho porque es un tanque cortado a la mitad y con agua, con una tabla para acostar a la persona y que la cabeza de la persona quede dentro del agua. Con una capucha impermeable. Así estuvo todo un día. Como no decía nada, la esposaron con la mano a la espalda y la colgaron de las esposas en un gancho que pendía del techo, con los brazos levantados y separados del cuerpo. Se la mantenía desnuda. Así estuvo 4 días; se desmayaba, entonces la sacaban de ahí una media hora, la reanimaban y era vuelta a colocar ahí.<sup>61</sup>

Entre os jornais do PVP analisados, desde mayo de 1978, este número é o segundo que fala das violências sexuais. Neste trecho, fragmento da fala do ex-militar podemos observar que mais uma vez as torturas começaram pelo desnudamento, modalidade que até pouco tempo atrás não se entendia como violência sexual, embora fosse o princípio de todo um ritual que buscava aniquilar o preso, pois a nudez, nessas sociedades, costuma ser associada à sexualidade. O militar afirma que houve a aplicação do chamado “submarino”, onde o preso passa por afogamentos.

Ainda neste número, na página dez, há seções de uma entrevista com o mesmo militar, que também está no livro “Confissões de um torturador”,<sup>62</sup> com todas as suas declarações acerca dos meandros da estrutura repressora no Uruguai. Nessa matéria especificamente ele fala um pouco sobre as aulas de tortura dadas a alunos militares na Escola de Inteligência do Exército. Sobre os choques elétricos ele fala:

O fio fica eletrizado, mas não com 220 volts. Isto é aplicado na pessoa. Se não causar um efeito muito grande porque tem pouca voltagem é bom molhar a pessoa. Depois de molhada, o efeito é muito maior. O fio pode ser colocado em qualquer lugar do corpo. Não

---

<sup>61</sup> RIVAS, Hugo Walter García apud Compañero. **Antro de espionaje y tortura**. No. 77. 06/1980. Montevideo. p. 2.

<sup>62</sup> VICTOR, J. **Confissões de um ex-torturador**. São Paulo: Editora Semente. s/d. 127p. pp.

existe um lugar especial. Acontece que às vezes se utiliza um pouco de sadismo, ele pode ser colocado nos testículos, por exemplo, ou em qualquer parte assim.<sup>63</sup>

Apesar de o entrevistado classificar como sadismo colocar os fios do choque nos testículos, ele afirma em outra resposta: “Quando a gente pensa: “Por que não colocar o fio em tal lugar para ver se é tão macho?”” Para entender os objetivos de tais violências que envolvem a sexualidade humana há que se pensar nos resultados de tais violências. Em sociedades em que se qualificam as pessoas de acordo com seu sexo biológico e se constrói papéis para que elas representem durante suas existências – gênero -, o que significaria para um homem ter problemas com sua genitália? Provavelmente poderia ser considerado menos homem. E para os militares? O que significava transformar esse “soldado inimigo” em um homem “menos homem”? Numa sociedade em que predominava a dicotomia entre homens e mulheres, quando um homem era menos homem ele seria feminizado. E sobre as violações nas mulheres? A intensão era a mesma. Fazer com que as mulheres, que haviam “abandonado o seu lugar – o privado” fossem feminizadas, segundo a construção do gênero feminino vigente, pois o fato de serem dominadas ao ponto de não exercerem controle sobre sua sexualidade remonta aos tempos em que se encontravam cotidianamente à mercê da vontade dos homens, na história do Ocidente. Assim, podemos afirmar que ambos sofreram violência de gênero.

Então, em meio às denúncias de vários tipos de torturas foi possível perceber que houve certo silenciamento em relação às violências sexuais cometidas contra presos nos dois jornais. A diferença é que no jornal uruguaio só apareceram tais torturas devido aos depoimentos do extorturador García Rivas. De forma clara, poucas denúncias contra esse tipo de crime foram encontradas no Jornal A Classe Operária, pois frequentemente se usou as expressões “vexames monstruosos”, “bestial sadismo”, para mencionar tais sevícias. Vimos também que o redator do jornal do PCdoB, escreveu denúncia que parecia afirmar que a violação de uma mulher na frente de seu marido era mais grave e, portanto, sensibilizaria mais os leitores do que se fosse noticiado somente as violações contra as mulheres, ação realizada com subterfúgios, como vimos. Utilizou, também, do gênero, numa relação geracional, ao escrever que pessoas mais sensíveis como idosos e crianças estavam sofrendo violência por parte dos policiais.

---

<sup>63</sup> Ibidem, 06/1980. p. 10.

Pudemos notar, ainda, que apesar de as mulheres aparecerem nas denúncias sobre as violências, algumas vezes elas ficaram de fora das homenagens. E, até mesmo, que os jornais se utilizaram de descrições chocantes sobre as mortes de militantes no intuito de chamar a atenção dos leitores para sua luta e mostrar que a crueldade dos militares não tinha limites naquele período.

*Artigo enviado em julho de 2013; aprovado em novembro de 2013.*